

**O corpo do outro. Construções raciais e imagens de controle do corpo feminino negro:  
O caso da Vênus Hotentote**

Janaína Damasceno (UNICAMP)

Vênus Hotentote; Imagens de controle; Mulheres negras

ST 69 - Pensamento negro, corporeidade e gênero: textualidades acadêmicas, literárias e ativistas.

No texto *O Espetáculo do Outro* que faz parte de uma coletânea organizada por Stuart Hall, intitulada *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices* (1993), o autor procura saber quais são os “repertórios de representação e práticas representacionais usados para marcar as diferenças e dar significado racializado de Outro na cultura popular Ocidental” (p.239). Ele vai investigar, sobretudo, o estereótipo como uma “prática de significação central para a representação da diferença racial” (p.257). Essa prática nasceria do encontro do Ocidente com o negro em três momentos distintos: na prática da escravidão no século XVI; na colonização recente da África no século XIX e no Pós-guerra, quando se inicia a migração negra para a Europa e o Norte da América. Se no século XVI o racismo será pautado pela escravidão nas Américas e justificado através da religião e da moral, no século XIX este terá uma conotação distinta, será necessário provar racional e cientificamente a inferioridade dos povos não europeus.

É no contexto da representação do negro no século XIX que será abordada aqui a história de Sarah Baartman, a Vênus Hotentote.

Essa joven khoi-san<sup>1</sup> sul-africana, nascida em 1789, foi no início do século XIX exibida publicamente em *freak shows* e “espetáculos” científicos europeus. Seu caso toma importância, à medida que Georges Cuvier, seu “preceptor”, foi o cientista que protocolou, segundo Lilia Schwarcz (1993) o termo raça na ciência moderna. Foi pelo corpo de Sarah que nasceu o conceito moderno de raça.

Em 1810, aos 21 anos, Sarah ou Saartjie como era chamada, foi levada para Londres pelo cirurgião inglês Willian Dunlop onde iniciou uma série de espetáculos circenses e lá recebeu a alcunha que a tornou famosa em todo o mundo: Vênus Hotentote. Segundo Cuvier (1817), antes de ir à Europa, Sarah era casada com um negro com quem teve dois filhos.

Nos *freak shows* do *Piccadilly Circus* corpos humanos eram exibidos como monstruosidades que tinham por função dar ao seu público mais confiança e consciência de si. De sua civilidade, de sua normalidade, de sua preeminência. Mas Sarah era uma atração especial dos espetáculos, devido a sua pequena estatura aliada às fenomenais medidas de seus quadris. Ela permaneceu em Londres por quatro anos e em 1814 foi vendida a um exibidor de animais francês e trocou a capital britânica pela francesa onde residiu por um ano até morrer.

Sarah possuía, como muitas mulheres khoi-san, nádegas protuberantes (esteatopigia) que despertaram grande fascínio entre os viajantes e colonizadores europeus. As khoi-san eram conhecidas também pela manipulação da sua genitália tornando seus grandes lábios hipertrofiados, apelidados de *tablier*, avental em francês. Se durante o período em que permaneceu na Inglaterra seu sucesso estava associado a sua exibição pública nos *freak shows*, na França, o fascínio pelo seu corpo assume ares de interesse científico. Saint-Hilaire, Blainville e Cuvier, a exibiam semi-nua em reuniões científicas onde mediam seu corpo, “observavam, desenhavam, escreviam tratados sobre, modelavam, modelavam em cera, escrutinizavam cada detalhe de sua anatomia.” (HALL, p.265.)

Para Wiss (1994), foram pelas exposições públicas do século XIX que os europeus começaram a perceber a diferença. E notam ao escrutinar Sarah, que esta pode assumir um caráter racializado e sexualizado através do corpo. Se no século XIX o corpo europeu masculino representa a normalidade, o que se não o corpo de uma mulher, negra, para representar sua radical alteridade? Não foi com surpresa que Jay Gould (1990) notou ao visitar o Museu do Homem de Paris no início dos anos 1980, que próximo de onde estavam expostos os cérebros de franceses “notáveis” como Renée Descartes e Pierre Broca, representantes do racionalismo francês, não havia um só cérebro de mulher, como contraponto eram expostos próximos deles os genitais de “uma negra, uma peruana e da Vênus Hotentote”. Se Saartje servia no século XIX para marcar a diferença entre homens e mulheres, contribuiu também para que se constituísse a identidade masculina européia. Afinal como afirma Hall, “a identidade é construída através das diferenças”, do corpo como diferença. Mas o corpo é também uma construção “modelada e remodelada pela intersecção de uma série de práticas discursivas disciplinares.” A medicina do século XIX foi uma dessas práticas discursivas que inscreveu o corpo como lugar de significação de diferença. Segundo Gilman (1985), o discurso científico médico construiu o conceito de negritude e de racismo a partir da diferenciação do corpo feminino negro pensado como anormal, desviante em relação ao corpo masculino europeu. Naquele se articulavam categorias de raça e gênero que universalizadas, acabaram por criar uma iconografia de hipersexualidade da mulher negra que impera até hoje e nisso o papel do anatomista francês, Cuvier foi preponderante. A partir de seus estudos o corpo de Saartje começou a representar um ícone sobre o qual a diferença sexual entre negros e brancos foi fundada (GILMAN, 1985), ela era a alteridade personificada:

“The Hottentot Venus was therefore much more than a living icon of sexual difference; she was Otherness personified - a singing, dancing, jiggling incarnation of one extreme in a rigidly hierarchical taxonomic paradigm. She gave body to racist theory”. (LINDFORS, 1996)

Sarah Baartman deu um corpo à teoria racista. Para Wiss (1994), uma relação mais precisa entre Sarah e Cuvier, toma dimensão na análise que Foucault faz do anatomista em “As Palavras e

as Coisas” (1985), onde ele nota que ao fixar as diferenças entre as raças, o cientista inscreve o corpo na História:

With Cuvier's definitions of the fixity of types or the 'stability of being', organisms and bodies had 'the right to possess a history' (ibid.). This was a colonial history, however, which defined the non-European by what they were perceived as not being. A primary development of such typological reasoning was to argue that the formation of races had been a past process defined by disinterested criteria and irrefutable differences therefore separated the 'races', Europeans had reached the ultimate state of historical perfection, while non-Europeans had halted in their progression. Such a history of the body depicted the other as 'primitive' by defining it as fossilized in time. Thus, scientific racism came to posit eternal, timeless, unbridgeable and innate difference. (WISS, 1994)

É bom recordar que para Hall (1997), produzir estereótipos serve para a manutenção tanto da ordem social, quanto da ordem simbólica de nossa sociedade. As dificuldades impostas pelo seu uso se referem ao seu caráter de *reduzir, essencializar, naturalizar e fixar a diferença do Outro*. Para tanto, o estereótipo usa a “cisão” como estratégia. Ele divide o normal e o aceitável do anormal e do inaceitável. Então *exclui* ou *expele* tudo aquilo que não se adapta, que é diferente.” (p.258) Outra característica é que ele ocorre onde há “total desigualdade de poder. Porém, não se trata apenas de poder econômico ou de coerção física, mas também do *poder simbólico* através das práticas de representação, sendo o *etnocentrismo* um dos aspectos desse poder. Estereotipar seria, portanto, “um elemento chave no exercício da violência simbólica” (p.259), diz Hall.

Patricia Hill Collins vai mais além nessa análise. Para a socióloga, em coro com Hazel Carby, estereotipar não só reflete ou representa a realidade, mas funciona para mascarar as relações sociais objetivas, fazendo com que o racismo pareça algo natural e parte inevitável da vida cotidiana. (COLLINS, p.69).

A forma de conhecimento também foi racializada. A dicotomia entre sujeito e objeto através de um binarismo que opõe o sujeito que conhece ao objeto que é conhecido tornou-se um dos pilares da construção do estereótipo da mulher negra. Concepções de Sarah como natureza a ser conhecida e dos europeus como cultura que conhece, mantém uma representação calcada em oposições binárias que a essencializam e fixam o seu significado. Esse processo se deu e se dá através de sua objetificação. Ao se tornar um objeto de conhecimento lhe é interdito o poder de conhecer e nomear a si mesma e aos outros. Na filosofia, o sujeito pertence ao mundo do espírito e o objeto ao mundo da matéria. Como matéria, o objeto pode apenas ser conhecido, nunca conhecer. Collins coloca a objetificação como central no processo de produção da diferença:

Objectification is central to this process of oppositional difference. In binary thinking, one element is objectified as the Other, and is viewed as an object to be manipulated and controlled. Social theorist Dona Richards (1980) suggests that Western thought requires objectification, a process she describes as the “separation

os the “knowing self” from “known object” (p.72). Intense objectification is a “prerequisite for the despiritualization of the universe.” (COLLINS, p.70)

O sujeito define e regula o objeto, citando bell hooks, Patricia Collins assevera que “as objects, one’s reality is defined by others, one’s identity created by others, one’s history named only in ways that define one’s relationship to those are subject” (COLLINS, p.71). Por isso, há, por exemplo, nos estudos feministas negros uma tônica muito forte nos processos de legitimação do discurso de mulheres negras sobre si mesmas e sobre as relações que têm em sociedade.

No momento em que o conhecimento científico torna-se a razão da modernidade é o corpo da mulher negra que serve para construir e solidificar o conceito de raça entre os cientistas. Para Hall, a articulação entre poder e conhecimento gera um regime de verdade que acaba por legitimar o uso do estereótipo.

Hall reforça alguns pontos em sua análise de Baartman: primeiro o fato da obsessão em se marcar a diferença que patologizada não estava dentro das normas européias. Depois nota que houve uma redução de Sarah à natureza: ela evidenciava a diferença das raças. As diferenças no sexo eram vistas como anomalias e essas anomalias pertencem ao campo da natureza. Finalmente, ela tornou-se conhecida e representada através de termos binários: primitiva, selvagem, animal. Estas três características se agenciam de modo a reduzir Sarah ao seu corpo e estes aos seus órgãos sexuais. Ela deixara de existir como “uma pessoa”. A substituição da parte pelo todo é o efeito de uma prática de representação semelhante ao estereótipo: o fetichismo. Ele é marcado pela intervenção da fantasia na representação do que é essencial à noção de pessoa: sua integridade e autenticidade.

Fetichismo implica também deslocamento. O interesse sexual pela genitália, pelo *tablier* de Sarah foi deslocado para seu traseiro. Estereótipo e fetichismo aqui marcam o modo pelo qual foi racionalizada a existência da mulher negra e como foi legitimada sua presença nas hierarquias mais baixas de ser humano.

A exibição pública de Baartman não cessou com a sua morte em 1815. Ela deveria ceder à ciência de uma maneira definitiva o que tinha de mais importante e, assim, após ser dissecada por Cuvier, sua genitália, seu esqueleto e o molde de seu corpo passaram a ser expostos publicamente no Museu do Homem de Paris até 1985.

Se Saartje servia no século XIX como contraponto à identidade masculina européia, nos parece que ao final do século XX, aquilo que ela representava ainda tinha força, que de todo não se esvai no século XXI, vide o relato de Gail Smith, pesquisadora que, em 2002, documentou o envio dos despojos de Sarah à África do Sul ao ver sua genitália nas dependências do Museu:

I was fascinated by the bottle containing her genitalia. I wondered what treasures of scientific discovery they could have yielded, and how George Cuvier felt the

moment that he was able to examine her vagina at close range, without resistance from Baartman who had proved to be a hostile specimen during her stay at the Jardin des Plantes, where she was exhibited among a range of other exotic fauna and flora. The contents of the jar were unappealing, and my fascination put me on par with Cuvier and all the other learned men of French science, so I stopped looking<sup>2</sup>.

Gail refuta sua fascinação quando percebe que isto a iguala à Cuvier e aos outros homens de ciência da França do século XIX. Gail mesma aponta que as relações de poder ainda permeiam as representações do homem europeu e da Vênus Hotentote, ao descrever que o nome de Cuvier está na base da Torre Eiffel como uma homenagem a 72 notáveis personalidades francesas e como no cruzamento da Avenida Cuvier com a Avenida Saint-Hilaire há uma imensa fonte, símbolo nada inocente do poder masculino na constituição da nação francesa. Aponta ainda que o corpo de George Cuvier está enterrado no *Père Lachaise* – cemitério da celebridades francesas – desde 1832, enquanto Sarah permanecia até o momento guardada numa caixa do Museu de História Natural. Para Collins, mesmo quando as condições iniciais que nutrem as imagens de controle desaparecem, como é o caso do racismo do século XIX, essas imagens persistem porque elas são peça-chave para a manutenção da opressão e das fronteiras entre os que estão dentro e à margem da sociedade: “mulheres afro-americanas por não pertencer, enfatizam o significado de pertença.” (p.71) Por isso é possível que mesmo o documento escrito pelo Senado francês em 2001, justificando a devolução do corpo de Sarah à África do Sul, acabe ratificando a noção de seu uso científico:

“Notre pays a tout à gagner en restituant Saartjie Baartman à l'Afrique du Sud. Aujourd'hui, son corps ne présente plus aucun intérêt scientifique. Cette restitution permettrait en outre le rapprochement de nos deux pays. Enfin, elle constituerait un vibrant hommage aux dizaines de femmes bushman qui connurent un sort identique en Europe”<sup>3</sup>.

É por não servir mais à ciência que seu corpo será devolvido a sua terra natal. A noção de utilidade com que normalmente se tratam objetos e não pessoas ou sujeitos é usada aqui com naturalidade, como sintoma da objetificação cristalizada do corpo feminino negro na ciência. E, portanto, novamente delimitando quem são os possíveis sujeitos de conhecimento na sociedade francesa. No século XIX, essa noção rompeu fronteiras e não se ateve apenas à França. O tráfego de idéias entre velho e novo mundo foi intenso. Cuvier foi um dos cientistas mais renomados da época e seu estudo sobre a Vênus Hotentote, serviu para universalizar idéias sobre o modo de ser da mulher negra. Tais idéias científicas ganharam o estatuto de verdade e servem de base, por exemplo, para que mulheres negras sejam vistas com desconfiança ou como exóticas. Fora de lugar quando trabalham ou estudam dentro de áreas que tradicionalmente não têm relação com a sexualidade ou a subserviência, quando não podem ser reduzidas a um objeto ou a um utensílio.

Como estratégia, Collins sugere que se contraponham as imagens de controle às práticas do cotidiano negro, ampliando assim o entendimento de como as imagens de controle de mulheres negras são agenciadas por essas em seu dia-a-dia. Nesse sentido, remeter-nos ao século XIX e buscar a imagem de Sarah como fundamento de uma representação estereotipada da mulher negra não seria então anacrônico, já que:

The treatment of Black women's bodies in nineteenth-century Europe and the United States is considered the foundation upon which Black women's commodification and objectification is based, and the racist iconography of the sexuality of Black women's bodies emerged from these contexts. Representing Black women as the "Other," or outside the "mythical" norm in terms of physicality and alleged sexual behavior, served to legitimize the commodification of the Black woman and to mask contradictions in social relationships (COLLINS, p. 71).

Em dezembro de 1815, depois de contrair uma doença contagiosa, Sarah bebe até a morte, diz Cuvier. Desse modo matou a khoi-san de nome desconhecido para nós, a boer Sarah e a Vênus Hotentote, a identidade dominadora que a habitava. Destruindo-se ela mostrava que ainda detinha poder sobre o seu corpo que não podia ser de todo controlado, assim ela resgatava tragicamente sua autenticidade. Depois de morta seus despojos foram exibidos no Museu do Homem de Paris e quando pareceram “obsoletos” foram arquivados nas prateleiras da reserva técnica do museu, sendo devolvidos à África do Sul após grande mobilização dos povos khoi-san, pois durante meses o museu afirmava que não possuía nada referente à Hotentote.

Com a devolução de seu corpo à África do Sul, Sarah Baartman, foi velada e enterrada na Cidade do Cabo em 2002.

### *Bibliografia*

CITELI, Maria Teresa. As Desmedidas da Vênus Negra: gênero e raça na história da ciência. **Novos Estudos CEBRAP**: São Paulo, n. 61, p. 163-175, 2001.

COLLINS, Patricia Hill. **Black Feminist Thought**. Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment. New York: Routledge, 2000.

CUVIER, Georges. Extrait d'observations faites sur le cadavre d'une femme connue à Paris et à Londres sous le nom de Vénus Hottentotte. In : **Mémoires de Muséum d'Histoire Naturelle**, Tomo III, p.259-274, 1817. Disponível em : <<http://www.archive.org/details/mmoiresdelanat01pari>>. Acesso em : 30 jun. 2008.

GILMAN, Sander. "Black Bodies, White Bodies: Toward an Iconography of Female Sexuality in Late Nineteenth Century Art, Medicine, and Literature". In: GATES Jr., Henry Louis (ed.). **"Race," Writing, and Difference**. Chicago: The University of Chicago Press, 1985a.

GILMAN, Sander. **Difference and Pathology: Stereotypes of Sexuality, Race and Madness**. Ithaca: Cornell University Press, 1985b.

GOULD, Stephen Jay. **O Sorriso do Flamingo: Reflexões sobre História Natural**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

HALL, Stuart. **Representation: Cultural Representations and Signifying Practices**. London: Sage, 1997.

LINDFORS, Bernth. The Hottentot Venus' and Other African Attractions in Nineteenth-Century England. **Nordic Journal of African Studies**: 5(2): 1-30, 1996.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças**. Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil de 1870 - 1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

WISS, Rosemary. Lipreading: Remembering Saartje Baartman. **The Australian Journal of Anthropology**: 5(1-2): 11-40, 1994.

---

<sup>1</sup> Segundo Stephen Jay Gould os povos khoi-san eram pejorativamente chamados de hotentotes pelos boer devido a sonoridade de sua língua.

<sup>2</sup> SMITH, Gail. Fetching Saartjie **The Guardian**. 20 mai. 2002. Disponível em: <[http:// www.chico.mweb.co.za/art/2002/2002may/020520-saartjie.html](http://www.chico.mweb.co.za/art/2002/2002may/020520-saartjie.html)>. Acesso em: 19 jan. 2006.

<sup>3</sup> « Proposition de loi autorisant la restitution par la France de la dépouille mortelle de Saartjie». Disponível em : <<http://www.senat.fr/dossierleg/ppl01-114.html>>. Acesso em : 30 jun 2008.